

A diversidade do estilo de agricultura familiar ecológica
em Canguçu/RS e os momentos da transição para a agri-
cultura ecológica

Joana Cicconeto¹

Roberto Verdum²

Resumo

Este artigo visa analisar o surgimento de diferentes estilos de agricultura, decorrente de um processo incompleto de modernização do meio rural no Município de Canguçu, situado na porção leste do Estado do Rio Grande do Sul. Pretende também expor quais são os rumos e os desdobramentos do emergente estilo de agricultura familiar ecológico, desde suas origens, e as principais características ao longo do tempo. Identificou-se que a tomada de decisão do agricultor convencional ou tradicional para outro sistema produtivo pautado no manejo “ecológico” pode ter diferentes pontos de partida. Mostra ainda como resultados da pesquisa os vínculos dos produtores com diferentes momentos de expansão do movimento, então denominado “alternativo”.

Palavras-chave: Agricultura ecológica, estilos de agricultura, agroecologia.

¹ Bióloga e Mestre em Desenvolvimento Rural/UFRGS (jocicconeto@gmail.com).

² Geógrafo e Professor Doutor do Departamento de Geografia, do Programa de Pós-graduação em Geografia/IG e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS (verdum@ufrgs.br).

Abstract

This article aims to analyze the emergence of different styles of agriculture, resulting from an incomplete process of modernization of the rural environment in the Municipality of Canguçu, located in the eastern portion of the State of Rio Grande do Sul. It also intends to expose the directions and developments of emerging ecological family farming style, since its origins, and the main characteristics over time. It was identified that the decision-making of the conventional or traditional farmer for another productive system based on “ecological” management can have different starting points. It also shows, as results of the research, the bonds of the producers with different moments of expansion of the movement, then called “alternative”.

Key - words: *Green agriculture, Styles of farming, Agroecology.*

I. Introdução

No mundo rural, seja no Rio Grande do Sul seja no Brasil, as práticas predominantes são aquelas denominadas convencionais. Um padrão de agricultura construído em torno de dois objetivos básicos: a maximização da produção e os lucros (GLIESSMAN, 2009). Segundo o mesmo autor, são seis as práticas básicas que formam a espinha dorsal da agricultura moderna ou convencional: cultivo intensivo do solo, monocultura, irrigação, aplicação de fertilizante inorgânico, controle químico de pragas e manipulação genética de plantas cultivadas.

Desde que essas práticas foram levadas ao mundo rural, essencialmente no século XX, alguns grupos sociais contestam seus objetivos e a sua eficácia na viabilidade de uma agricultura capaz de sustentar a sociedade. Contudo, mesmo que a sua eficiência como uma forma maciça e rápida de se ter acesso a insumos e aos meios de produção seja um dos argumentos mais fortes da sua perpetuação, retroalimentando as práticas desse padrão de agricultura, nos processos de especialização dos sistemas agrários regionais ocorrem diversos inconvenientes, tais como os impactos ambientais adversos.

O objetivo deste artigo não nos remete a fazer uma releitura do processo de modernização da agricultura, mas analisar a composição de um estilo de agricultura, no que foi um processo incompleto de modernização do meio rural no Município de Canguçu, situado na porção leste do Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, pretende expor quais são os rumos e os desdobramentos do “novo” estilo de agricultura familiar ecológico, desde suas origens às principais características ao longo do tempo.

II. Agricultura “não convencional”: origens da negação

A difusão das etapas de um padrão produtivo químico, motomecânico e genético fez explodir a Revolução Verde na agricultura. No Brasil, ocorreu de forma intensiva durante as décadas de 1960-70, especialmente nos estados do Sul e Centro-Oeste. As formas de contestação contrárias totais ou parciais ao modelo que se alastrava ganharam, desde aqueles tempos, as mais diversas denominações. A presença de contramovimentos³ acontece concomitantemente à difusão intensa das técnicas da agricultura convencional, seja pelo fato de já ocorrerem alguns incidentes demonstrando o desgaste e a contaminação de solos que estas técnicas ocasionavam seja por questões ideológicas. Mas, é por volta dos anos 1970 que se constitui um campo de contestação, diga-se reconhecido pelo senso comum, fazendo com que o termo “*alternativas*” passe a traduzir a variedade de manifestações pontuais de contestação.

Portanto, a homogeneização técnica pretendida pelo processo de modernização da agricultura, por questões ecológicas ou culturais, não foi total. Para Borba (2002) esta homogeneização foi um processo “incompleto”, fazendo com que despontassem os contramovimentos, as vias “alternativas” à sua política. Seu caráter excludente provoca reações de grupos de agricultores que não são contemplados pelos subsídios governamentais, crédito agrícola, bem como daqueles que resistem ao processo, negando-o veementemente. Desta forma, passaremos a discorrer sobre as trajetórias deste contramovimento, em escala local, no referido Município de Canguçu, no Estado do Rio Grande do Sul, mas sem deixar de

³ Contramovimento refere-se às diferentes formas de contestação que diferem do modelo vigente que vinha sendo implantando.

contemplar as influências externas, ou seja, acontecimentos que estão interferindo nas decisões em nível comunitário e até individual.

III. Origens e trajetórias do contramovimento no Rio Grande do Sul e em Canguçu

A conjuntura dos inúmeros problemas ambientais, sociais e econômicos desencadeada pela Revolução Verde e percebida por alguns grupos sociais favorece o aparecimento das formas alternativas ou estilos particulares de se conduzir a agricultura. Estas, no entanto, não são, necessariamente, um contraponto ao modelo dominante (convencional).

Para Brandenburg (2002), no Rio Grande do Sul, assim como no Brasil, a agricultura alternativa surge no contexto de uma política agrária excludente. Com pouca ou nenhuma assistência técnica, nem mesmo básica, os agricultores ligam-se à Igreja católica, às então denominadas Comissões Pastorais da Terra (CPT), que desenvolvem trabalhos junto a eles. Schmitt (2010) chama a atenção para o trabalho da Igreja católica, dos setores progressistas da Igreja luterana, dos sindicatos combativos de trabalhadores do campo e dos movimentos de luta pela terra, por terem dado seu primeiro impulso para o trabalho de conscientização e práticas ecológicas na região Sul. Seguindo-se em importância, destaca a constituição das organizações não governamentais e das assessorias técnicas que favorecem o processo de transição para a agricultura ecológica⁴.

Segundo o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) o início dos trabalhos com agricultura ecológica na região Sul datam de 1978, quando da fundação da ONG, nos municípios de Pelotas, Canguçu e São Lourenço do Sul. Os autores Becker, Caldas e Sacco dos Anjos (2007) chamam atenção para o auxílio desta organização aos pequenos agricultores; o CAPA, aliado à CPT, durante as décadas de 1970-80 trouxe im-

⁴ O termo “ecológico” abrange as diferentes formas de conduzir a agricultura “não convencional”. O termo ecologia torna-se um campo reconhecidamente distinto da ciência a partir dos anos de 1900, por isso reflete um conhecimento acadêmico e um contramovimento, sobretudo popular. Além disso, este termo foi recorrente entre os entrevistados e os informantes-chave do município.

portantes avanços, tendo seu trabalho gerado bons frutos nas práticas de produção agrícola, o que provocou a organização de dezenas de associações comunitárias. A União das Associações Comunitárias no Interior de Canguçu e Região (UNAIC) foi fundada em 1988, um dos primeiros órgãos fruto do CAPA. É sob a orientação do CAPA e da CPT, por conseguinte, que se organizam diversos núcleos na produção de alimentos sem o uso de agrotóxicos, a chamada *agricultura alternativa*.

A Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA-SUL) e a Sul-Ecológica são outras entidades fruto do CAPA, que abrigam famílias dedicadas à produção *agroecológica* buscando espaços de comercialização direta. A Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos (COPTec) fundada em 1996 presta assistência, especificamente, aos assentados rurais, com seu propósito fundado ao “desenvolvimento sustentável”. Os assentados, também, têm e criam suas próprias cooperativas e associações, principalmente no contexto em que persistem com o propósito da organização coletiva e da produção de alimentos. As cooperativas Sepé Tiaraju e Terra Nova são exemplos, assim como a Cooperativa de Crédito Rural Horizontes Novos de Canguçu (CREHNOR), uma cooperativa de crédito que conta com a presença de assentados.

O surgimento desse tipo de instituição em Canguçu representa uma articulação de agricultores e técnicos em torno de uma agenda em comum, fortalecendo as experiências em agricultura ecológica que já existiam e que fazem com que uma tomada de consciência leve à construção de institucionalidades que fortaleçam suas agendas de luta.

IV. Um momento de expansão...

Considerando o momento de origem da formação dos movimentos ecológicos concomitantes ao de difusão das práticas e das técnicas da Revolução Verde, podemos dizer que hoje estes espaços sociais experimentam uma fase de expansão. Entretanto, uma fase de difícil (re)conhecimento, por ser difícil encontrar dados dos “modelos” tidos como alternativos às práticas agrícolas convencionais. Os dados divulgados pelo Censo Agropecuário (2006) apresentaram pela primeira vez a investigação acerca do número de estabelecimentos rurais que não utilizam agrotóxicos e adubos químicos. No entanto, neste documento considera-se agricultura

orgânica apenas aqueles sistemas de produção que detêm uma certificação de unidade orgânica ou por vias de implantação. No caso de desconhecimento ou desinteresse para normas de certificação, os estabelecimentos não foram considerados orgânicos. Desta forma, os dados referem-se apenas à agricultura orgânica institucionalizada e relacionada a contextos específicos.

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), em publicação do Censo Agropecuário de 2006, a **agricultura orgânica** é aquela a qual os estabelecimentos adotam práticas de produção agropecuária que não utilizam insumos artificiais (adubos químicos, agrotóxicos, organismos geneticamente modificados pelo homem ou outros) ou outra medida para a conservação dos recursos naturais e do meio ambiente. Porém, foram assim considerados aqueles agricultores que detêm uma certificação, ou se encontravam com processo em andamento, excluindo os casos em que os agricultores desconheciam ou não tinham interesse em certificações.

A investigação acerca do uso ou não de agrotóxicos nos estabelecimentos rurais foi inédita. Com base nesta investigação e nos critérios estabelecidos, o IBGE afirma que 1,8% do total de estabelecimentos agropecuários brasileiros investigados no Censo de 2006 são orgânicos.

A atividade predominante é a denominada “Pecuária e criação de outros animais”, seguida da “Produção de lavouras temporárias”. O IBGE publicou o número de estabelecimentos por unidade federativa que praticam a agricultura orgânica e a Tabela 1, a seguir, detalha os dados referentes aos estados da região Sul.

Tabela 1: Uso de agricultura orgânica nos estabelecimentos, segundo as Grandes Regiões da Federação Brasil – 2006

| Grandes Regiões e Unidades da Federação | Total de estabelecimentos | Uso de agricultura orgânica nos estabelecimentos | | | |
|---|---------------------------|---|----------------------------------|--------------------------------------|---------|
| | | Total | Faz e é certificado por entidade | Faz e não é certificado por entidade | Não faz |
| | | | | | |

| | | | credenci- ada | credenci- ada | |
|---------------------|------------------|---------------|------------------|------------------|------------------|
| Brasil | 5.175.489 | 90.497 | 5.106 | 85.391 | 5.084.992 |
| Norte | 475.775 | 6.133 | 351 | 5.782 | 469.642 |
| Nordeste | 2.454.006 | 42.236 | 1.218 | 41.018 | 2.411.770 |
| Sudeste | 922.049 | 18.715 | 1.366 | 17.349 | 903.334 |
| Sul | 1.006.181 | 19.275 | 1.924 | 17.351 | 986.906 |
| Paraná | 371.051 | 7.527 | 909 | 6.618 | 363.524 |
| Santa Catarina | 193.663 | 3.216 | 353 | 2.863 | 190.447 |
| Rio Grande do Sul | 441.467 | 8.532 | 662 | 7.870 | 432.935 |
| Centro-Oeste | 317.478 | 4.138 | 247 | 3.891 | 313.340 |

Fonte: Censo de 2006 (IBGE, 2010).

O Rio Grande do Sul tem 1,9% destes estabelecimentos, algo acima da média nacional, levando-se em consideração os critérios estabelecidos pelo IBGE.

Em relação à inserção crescente dessa produção no mercado consumidor, destaca-se o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), criado em 2003 pelo Governo Federal como política de articulação entre produção, comercialização e consumo. O PAA tem por objetivo incentivar a agricultura familiar por meio da aquisição de produtos agropecuários destinados a pessoas em situação de insegurança alimentar. Também proporciona acesso a uma alimentação diversificada para uma população em insegurança alimentar e nutricional, valorizando a produção e a cultura alimentar das populações e dinamizando a economia local, com reper-

cussões sobre a autoestima, tanto de fornecedores, quanto de consumidores.

O movimento ecológico é um movimento de contraponto ao domínio da agricultura convencional existente. Ele abrange todas as formas associadas desde a sua origem, enquanto agricultura alternativa, como também as “novas” e as diversas formas que reconfiguram o rural, em função de movimentos ecológicos mais recentes.

Para Brandenburg (2002), após um período de estagnação, a agricultura alternativa ou ecológica⁵ passa por uma fase de expansão, ainda que diante de um difícil reconhecimento de seus números. O autor destaca um *primeiro* momento como aquele que corresponde a sua gênese, representando um contramovimento. Ao mesmo tempo que visa potencializar os recursos produtivos, a agricultura alternativa é portadora de uma mensagem ambiental e ecológica (inclusive influenciada pelo movimento *hippie*). Nesse sentido, a produção agrícola não é apenas racional, mas carregada por dimensões místicas ou de religiosidade que não privilegiam a dimensão econômica.

Num *segundo* momento, o autor destaca como característica o surgimento de novos grupos, novas formas de organização comercial, quando se amplia o apoio dos consumidores. É o momento de expansão de forma articulada, como redes; no entanto, os agricultores ecológicos mantêm-se afastados de instituições governamentais.

E o *terceiro* momento é descrito como aquele marcado pela institucionalização da agricultura ecológica. A crescente crise ecológica, que se revela inclusive na contaminação dos alimentos por agrotóxicos, sensibiliza a população e isso requer uma reorganização das formas de comercialização e beneficiamento da produção. Os produtos passam a ser certificados e identificados.

Petersen e Almeida (2006) enfatizam que em 2002, na ocasião do Encontro Nacional de Agroecologia, embora mitos da modernidade tecnológica ainda estivessem bastantes presentes no imaginário da população, novos valores relacionados a um ambientalismo difuso e à qualidade dos

⁵ Ecológica e alternativa são termos utilizados como sinônimos pelo autor.

alimentos ganhavam força. O considerável crescimento dos mercados de alimentos orgânicos no Brasil é uma expressão desse fato. Além do mais, a imagem negativa da agricultura familiar como sinônimo do atraso e da baixa eficiência vinha aos poucos sendo desconstruída.

Considera-se que seja exagerado falar de uma expansão da agricultura ecológica com base no que se apontou até aqui (uma vez que ainda é restrita a pequenos grupos de produtores). No entanto, se destaca a perspectiva agroecológica adotada por Petersen e Almeida (2006), segundo a qual prevalece uma característica distinta do atual momento histórico dos movimentos sociais do campo, ou seja: “a emergência de um movimento de dimensão nacional, a partir dos processos locais autônomos voltados para a promoção de alternativas técnicas, econômicas e políticas para a produção familiar”.

Embora ainda localizados e pouco visíveis para o conjunto da sociedade, esses processos locais inovadores vêm permitindo que novos atores, individuais e coletivos, despontem no cenário dos movimentos sociais no campo, revigorando-os e forjando um quadro de diversidade de atores. E são nessas experiências concretas enraizadas em distintos contextos locais e regionais que se vêm construindo novos referenciais técnicos, metodológicos e conceituais orientadores de projetos para o desenvolvimento diferenciado da produção familiar no Brasil (PETERSEN; ALMEIDA, 2006).

V. A expansão do “ecológico” em Canguçu

Em nível local, no Município de Canguçu, o apoio (ou até mesmo a falta dele) à presença de atores sociais importantes no processo de adoção ou transição de uma agricultura pautada em técnicas diferentes daquelas que predominantemente vinham sendo utilizadas demonstrou uma trajetória da agricultura ecológica⁶ neste município. Embora seja um tanto otimista falar sobre a expansão dos estilos de agricultura ecológica, entende-se de suma importância compreender de que forma os casos estu-

⁶ Ecológica, como termo que abrange todas as formas de agricultura pesquisadas.

dados estão sendo motivados e suas influências externas e internas à propriedade. Afinal, elabora-se como questão fundamental a seguinte: Os agricultores assumem discursos de interesse social ao produzirem alimentos, em função das demandas de produtos “ecológicos”, ou reconhecem uma “tomada de consciência” da sociedade, sendo eles imbuídos de uma percepção de que produzir alimentos ecológicos é menos agressivo ao meio e possibilita, inclusive, a renda necessária para a unidade de produção familiar?

As razões que levam os agricultores a praticarem uma agricultura “diferente”, seja na resistência seja nas novas concepções de produzir alimentos, são as mais diversas. Marques (2009) aponta que em comum existe a característica de criar múltiplas estratégias para trabalhar, inovar e ampliar espaços de autonomia que mantenham os agricultores no campo. A autora cita aspectos de saúde, satisfação, orgulho, consciência ecológica e respeito à natureza como recorrentes em suas falas e práticas. Brandenburg (1999) constata a motivação econômica, ambiental, de prevenção à saúde e ideológica como fatores explicativos mais relevantes para a opção dos agricultores.

Os resultados da pesquisa no Município de Canguçu revelam que as motivações são de ordem ideológica⁷ (ligada ao campo “ambiental”), econômica (renda mensal, maior valor agregado), social (saúde) e cultural⁸, sendo que todos são agricultores familiares, ou seja, com a base de mão de obra proveniente da família. As motivações descritas acima puderam ser apreendidas nos discursos dos agricultores e identificadas a partir da análise de conteúdo. A análise deste trabalho foi realizada através da gravação de 13 entrevistas⁹ e os entrevistados foram identificados pela letra E e por um número (ex.: E01). Após a transcrição das entrevistas,

⁷ Crença usada para o controle de comportamentos coletivos em determinadas situações (ABBAGNANO, 1998).

⁸ O termo cultura é utilizado neste contexto para indicar um conjunto de modos de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para a outra, entre membros de determinada sociedade. Indica uma formação coletiva e anônima de um grupo social nas instituições que o definem (ABBAGNANO, 1998).

⁹ As entrevistas foram gravadas com a autorização prévia dos entrevistados, assim como pela utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado com base na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

estas foram inseridas no *software* de análise de dados qualitativos QSR *International NVivo 8.0*.

Em geral, um conjunto de elementos parece influenciar as escolhas produtivas. A motivação de ordem econômica e financeira foi aquela que se fez presente em todos os discursos. Afinal, não há como se manter totalmente distanciado, nem mesmo parece perpassar a ideia a tais grupos. Esta motivação apareceu em três casos (E05, E11 e E06) como propulsora principal do trabalho. Nos demais casos estudados, os outros elementos apareceram com igual ou maior ênfase, considerados como uma consequência do trabalho.

A dimensão econômica, sendo ela dada pelas diferentes ênfases ou presente em diferentes contextos da produção alimentar, está presente em todos os projetos de agricultura ecológica. Compreende-se que o fator renda é decisivo, pois define o sistema produtivo e comercial, assim como os cultivos a serem adotados: E12: “*O tomate tem um grande valor no mercado*”; E09: “*Olha, esse sistema aí de hoje, que nós temos aí, é de ter o dinheirinho mensal (...) e o leite pode dá pouco uns meses, mas dá o dinheiro todo mês*”. Pode-se afirmar ser esse um fator decisivo, também, quando a motivação vem pelo baixo custo da produção, seja a médio ou longo prazo, agregando maior renda: E01: “*Hoje eu tenho pouca despesa com o pomar, de investimento pra produzir né. A gente tem despesa de manejo de poda, coisas assim né, já de adubação, não tenho mais*”.

Os contextos de adesão e transição dos agricultores ao estilo de agricultura ecológica são de pequenos agricultores com a tradição na propriedade agrícola, aqueles desligados dos latifúndios ou provenientes do meio urbano, outros ligados às associações e/ou cooperativas e outros, ainda, ligados às empresas com venda direta.

As terminologias utilizadas para sua identificação também variam. Entre os 13 entrevistados, nove deles afirmaram apenas uma denominação para seu sistema de produção agrícola, o *ecológico* ou *orgânico*. Os demais apresentaram um discurso com a presença de duas ou mais denominações – ecológico, orgânico, agroecológico e alternativo. Neste sentido, se avalia que a sua autodenominação/identificação molda-se confor-

me a exigência do seu público. Em três casos, os agricultores não tinham claro para si o significado dos diferentes termos utilizados.

A seguir, pretende-se expor o resultado da investigação de campo realizada no Município de Canguçu. Apresenta-se, como síntese, a Figura 2 que contempla os casos estudados e o espaço que ocupam ao longo da construção da **agricultura ecológica** no município, ou seja, a sua temporalidade, também.

VI. O primeiro momento da agricultura ecológica em Canguçu

O momento que corresponde à gênese da agricultura ecológica no Brasil é carregado de dimensões místicas (imateriais) ou de religiosidades. Ela apresenta uma visão complexa de mundo; o homem faz parte do mundo natural e com ele se identifica, a agricultura é seu modo de vida¹⁰. A opção desta forma de conduzir a agricultura está relacionada com a dimensão religiosa, afetiva, ética, social, e de fato não privilegia, necessariamente, a dimensão econômica:

E07: “[...] eu acho que a agroecologia é uma relação com a natureza, do dia a dia, e também tem outros valores, porque a gente valoriza muito a vida e eu mesmo valorizo muito a vida, eu sempre digo: eu tenho uma qualidade de vida muito boa. [...] mas eu vejo assim, são valores que não aparecem, a pessoa não vê ali o carro ou a moto, pra mim isso aí não é tudo, não é só isso, então eu tenho esse valor. Se eu puder me inserir nessa economia mais solidária, então esse ano foi uma coisa que me ajudou muito né, na questão da campanha da fraternidade, economia e vida.

O discurso deste agricultor é um caso que marca a intensidade deste momento, que é o de formação do movimento ecológico. Marca uma temporalidade em que o entrevistado se identifica e constrói seus referenciais de vida e suas práticas cotidianas.

¹⁰ Modo de vida é considerado, neste contexto, uma forma de vivência.

Desde já, é oportuno ressaltar que esses momentos se sobrepõem. E, muito embora esses momentos sejam apresentados guiados por uma linha do tempo que é linear, acredita-se que eles não sejam etapas excluídas ou antagônicas, mas de certa forma até complementares.

Este agricultor (E07), vinculado neste estudo ao primeiro momento da agricultura ecológica, reconhece a sua prática sob a denominação de agroecológica. Ele destaca como positivas as relações sociais estabelecidas a partir desta forma de produção. A motivação é permeada de uma capacidade de compreender problemas ambientais e as suas responsabilidades enquanto ser humano. É presente em seu discurso uma contracultura, apresentando como negativa ao meio, à saúde humana e ao coletivo a adoção do “pacote verde” na agricultura. Ele se utiliza de estratégias para conciliar a produção e a conservação ambiental na sua propriedade.

E07: “Alguns cuidados se teve sim, as cabeceiras (nascentes) eu cuidei também, pra não lavrar assim bem perto do mato, eu respeitei o espaço, sempre cuidando”. Além da máxima da autonomia em relação ao mercado. E07: “Hoje o desafio é a retomada e chegar em 80% da cesta básica, ou seja, eu acho que só fica o açúcar, o sal e o café. Eu acho que tem como, porque eu tive essa experiência”.

A análise de conteúdo permitiu perceber nos discursos dos entrevistados desse grupo que há entre eles uma estreita relação com a natureza, um entendimento de seus elementos e suas relações. Para suplantar limites impostos pelo meio, os agricultores alteram algumas das suas condições, como, por exemplo, a incorporação de matéria orgânica ao solo. Esta técnica é uma mudança que representa um afastamento aos mercados de insumos. Para Ploeg (2008) um afastamento que resulta em uma agricultura de baixo custo, em que a autonomia é aumentada e há uma refundamentação da agricultura na natureza, com a introdução do artesanal. Mudanças estas que tendem a representar, para o autor, um adeus “estrutural” ao roteiro da agricultura empresarial.

VII. O segundo momento da agricultura ecológica em Canguçu

Este momento diferencia-se do primeiro por ser um momento de expansão, em que os agricultores organizam-se em grupos com o objetivo de se constituírem comercialmente, como as feiras, por exemplo. Os agricultores se organizam de forma articulada, compondo redes entre as diversas instituições que visam à produção de alimentos sem a utilização de agrotóxicos e insumos externos. O diferencial em relação ao primeiro momento é que agora a agricultura ecológica é uma forma de sustento econômico. Segundo Brandenburg (2002, p. 10), “[...] para se viabilizarem economicamente eles precisavam encontrar outros caminhos, diferenciados do mercado de consumo massificado, para comercializar os produtos”.

De fato, em Canguçu se observaram agricultores organizados institucionalmente, que geralmente comercializam seus produtos diretamente ao consumidor. Esse comércio é facilitado pela instituição em que estão vinculados. Além da comercialização, as instituições fornecem assistência técnica e cursos para formação, com o objetivo da troca de experiências.

Neste momento, muitos agricultores que negavam a produção com a utilização de agrotóxicos e insumos agregaram-se ao surgimento dessas “novas” formas de produção e, sobretudo, de comercialização, a exemplo do caso E02:

E02: “O – não, nós nem sabia, não tinha conhecimento disso, isso foi o Fulano da Arpa-sul, que ele veio aqui e fez umas reuniões aqui, mas... o pessoal ficou meio assim... depois ele apareceu, veio de novo, aí nós começamos assim a se acredita assim... e pega o jeito e ele fazia umas reunião e nós prestava atenção e fomos atrás e ele foi ajeitando tudo e foi e até que começamos...”.

Esta fala demonstra que as próprias instituições da região sudeste do estado buscaram agregar os agricultores ao movimento em torno da agricultura ecológica, que se expandia, sobretudo, pelo reconhecimento por parte dos consumidores que demandavam alimentos diferenciados em termos de qualidade. Em Canguçu, isto aconteceu nos anos de 1990, tardio em comparação à referência que se tem em nível nacional. Em

meio a essa difusão, emanam as diferentes vertentes do movimento inicial, além da propagação dos termos como: sustentabilidade, orgânica, ecológico, de base ecológica, entre outros.

Nos discursos são recorrentes as falas que demonstram uma contracultura expressa, por exemplo, pela contestação ao cultivo do tabaco. Esta contracultura questiona a adoção de técnicas difundidas com o objetivo único de aumentar lucros. Para ilustrar, segue a fala do caso E13:

E13: “I – agora (antes nós plantava fumo) não ficamos todo o tempo como um prisioneiro dentro do galpão, que não se via ninguém, não fala com ninguém, se estressa, quando chegava a hora da venda, o preço vem lá embaixo, imaginava outra coisa e assim não, tu tem sempre, não é que vamos dizer assim que seja ah, assim pra ficar rico, mas dá pra viver bem, é outra vida! Até assim, por esse motivo né de tu não estar lidando com veneno, com adubo químico essas coisas, a gente não usa, ah... isso aí já é o que basta (...)”.

O discurso demonstra uma motivação ligada às dimensões relacionadas às suas práticas e que não são unicamente focadas no lucro. Não obstante, estes agricultores utilizam estratégias para conciliar conservação e produção:

E03: “A – essas áreas aqui tavam mais desgastadas [...] a gente plantava tudo soja aqui... Então, por isso que aqui eu tive a necessidade de usar uma cama de aviário, um calcário... Aqui ó, eu queria te mostrar que em cada canto dos piquetes eu plantei uma muda de árvore pra sombreamento, até tive que cercar também né, senão elas destroem”.

Ou seja, um processo de recuperação do solo, que altera suas condições em função da prática anterior da agricultura convencional. Sendo elas reconhecidas a partir das necessidades impostas quando do início da transição, do seu ideal de sustentabilidade, os agricultores buscam autonomia na produção agrícola, na conservação ambiental e na comercialização dos seus produtos.

A maioria dos entrevistados (com exceção do caso E02) reconhece os problemas ambientais em diferentes escalas – global, regional e local. Compõem grupos que discutem assuntos como a qualidade da água, a destinação dos resíduos sólidos, o “reflorestamento”, a contaminação por agrotóxicos, o corte irregular de matas nativas, entre outros, de modo a intervir e coibir tais ações. De certa forma, são capazes de não só diagnosticar tais problemas na propriedade, na comunidade e na região, mas de rejeitar essas ações que julgam problemáticas:

E12: G - O lixo é o nosso maior problema aqui. E que na verdade não é só nosso aqui, porque do que adianta tu mandar o lixo pra cidade? Lá também não se tem muito o que fazer, uma pequena parte do lixo é reciclado, muito pouco é reciclado... Então é como ficar passando os problema pra frente.

D – E nós não temos o que fazer, claro, o lixo orgânico, esse é uma maravilha pra nós, a gente aproveita tudo, mas o plástico, não tem onde... e ninguém quer pegar.

Esta fala do produtor demonstra que há uma preocupação ambiental e que não é exclusiva à sua propriedade, pois ela atinge uma reflexão sobre a área urbana, bem como a noção de ciclo da natureza, de uma incapacidade de reciclar todos os resíduos gerados pela(s) sociedade(s) humana(s), no mesmo ritmo em que se descarta na natureza.

No aspecto social, há em comum a preocupação com a saúde, que é enfatizada, principalmente, a partir de situações contrárias ou catastróficas:

E10: F - Onde nós morava, nós trabalhamos é... tinha um vizinho nosso que trabalhava, que plantava fumo, era fumo de galpão [...] teve um piá lá que dormia no galpão e ele faleceu envenenado do fumo. Naquela época vinha meio assim sem cuidado, o pessoal não conhecia e daí eles também não se cuidavam né [...] e esse piá ele tinha ferida nas pernas e se encostava naquelas embalagens e o piá faleceu. Ele morreu dentro do ônibus indo pro colégio [...] foi uma tragédia assim [...] eu já tava com meus 18 anos, então foi assim um... já nós não usava, mas daí aquilo ali foi um choque!

Com relação ao meio, aos limites e às possibilidades da produção, esse grupo se destaca pela capacidade de reconhecer diversas potencialidades, demonstrando conhecimento que é colocado em prática. Para superação de limites, tais como a deficiência de nutrientes no solo e os afloramentos rochosos em parcelas para o uso agrícola, estes agricultores passaram por um processo de mudança de seus sistemas de produção. Pode-se dizer que este processo foi mais intenso para alguns do que para outros, como nos casos E01, E02, E03, E09, E10 e E13, pois estes seriam ex-produtores de fumo, soja e milho, com a utilização intensa de agrotóxicos e que passaram a produzir com manejo ecológico.

Destacam-se os casos E09 e E10, por serem agricultores ecológicos assentados e descendentes de caboclos¹¹. Estes parecem formar um modo de vida distinto e, por isso, muitas vezes, estudados especificamente. Para Heidrich (2006), a sua presença representa, através de acampamentos e assentamentos rurais, os espaços de ruptura com o modo de apropriação hegemônico do espaço da sociedade capitalista, dada a sua forma de organização coletiva e de produção. Esse autor ressalta também que nas situações de agricultura ecológica ou orgânica, específicas do MST, há um vínculo de consciência territorial, de compreensão de sua existência ligada à natureza e ao sentido da vida. A ruptura estabelecida nestes casos é pela resignificação da produção agrícola, de ser orientada por um valor ético-ecológico-comunitário, e não absolutamente mercantil.

Para o agricultor (E09), além dos cursos de formação, que são considerados “insumos externos”, o seu repertório cultural, associado ao conjunto de percepções que ao longo do tempo se consolidou nas famílias para um modo de produzir, é trazido como uma forte motivação. Este repertório representa os valores adquiridos por gerações, que são passados para os descendentes. Especialmente entre os assentados rurais, essa é uma forma recorrente de troca dos conhecimentos adquiridos. Veja o que diz o entrevistado a seguir:

¹¹ Caboclo segundo os entrevistados é o “modo da pessoa viver, de conduzir a produção agrícola, o jeito de conviver”. Ver detalhes no livro *Cartografias caboclas*, de Ribeiro (2008).

E10: A assistência técnica ajuda com técnicas diferentes, mas a dificuldade com eles é a diferença de ideologia, não é igual a nossa (...) eles volta e meia estão aqui, são uns piá bom, mas eles só dão uma visitadinha pra pegar a assinatura do agricultor.

E09 demonstra a persistência e a valorização dos princípios da família, agora também ligados ao MST: E09: *“Mas isso já é desde..., é tipo uma cultura mesmo, porque desde criança a gente nunca viu os pais usar veneno pra nada né, e a gente não entrou naquela..., mas muita gente adotou [o uso de agrotóxico]”*.

Os outros entrevistados também passaram por um processo de mudança, no entanto, não chegaram a adotar intensivamente as técnicas do “pacote verde”, apenas utilizavam quando julgavam extremamente necessário. Nesses casos, a necessidade é a justificativa para a adoção da técnica “proibida”, segundo os agricultores assentados. Em tais casos o processo de adaptação ou transição para o sistema ecológico de produção não foi tão intenso, uma vez que o repertório cultural, as práticas da agricultura a qual o agricultor utiliza, denominadas tradicionais, são direcionadas para a prática de sistemas de produção ecológicos. O que ocorre é uma adaptação entre meios, práticas agrícolas, cultivos e criações, sendo essencial a percepção do agricultor para esta nova forma de produção. Para Meirelles (2007) há um direcionamento para agriculturas menos impactantes, que se apresentam com diversas estratégias utilizadas pelos agricultores.

O trabalho de disseminação da agricultura ecológica, por parte das cooperativas e associações, atingiu interessados pela nova forma de conduzir a agricultura e se relacionar com o consumidor:

E02: O - Eu já faz 17 anos que cultivo assim [...] antes não, nós nem sabia, nem tinha conhecimento disso, isso foi o Fulano de Tal da Arpa-sul que ele veio aqui e fez umas reunião aqui mas, o pessoal ficou meio assim, depois ele apareceu, veio de novo, aí nós começamos assim... a se acreditar e pegar o jeito... e nós fomos atrás e ele foi ajeitando tudo e foi e até que começamos. [...] e eles veem o que precisa e eles dizem ó, precisa produzir tal coisa, eles fazem um calendário, tipo de um planejamento do que tu vai precisar pra produ-

zir também e aí tu vai te planejando, organizando pra aquilo.

A opção de novos mercados direciona a produção e define o sistema produtivo. Os novos mercados (como, por exemplo, as feiras) percebidos pelos agricultores de Canguçu são a chave para o desenvolvimento do grupo que se dedica neste momento. São também a chave colocada por Plog (2008) para o desenvolvimento rural. Segundo o autor, os novos mercados e os novos produtos são criados para enfrentar os grandes mercados, cada vez mais controlados e reestruturados pelos impérios alimentares.

VIII. O terceiro momento da agricultura ecológica em Canguçu

Este momento vai além de uma expansão da produção e da comercialização dos produtos da agricultura ecológica, passando por um reconhecimento de parte da sociedade. A agricultura ecológica é, neste momento, reconhecida por alguns grupos de consumidores sensibilizados pelas questões ambientais, além de ser contemplada nas políticas de desenvolvimento local e regional.

A opção de mercados ligados aos programas governamentais é recebida de maneira positiva por alguns grupos e instituições. O Programa Fome Zero do Governo Federal teve como pontos positivos inserir o tema da fome na agenda política do Brasil e reforçar a participação e a mobilização da sociedade. Outros programas em nível federal são o Mais Alimentos e o já citado PAA.

Para Brandenburg (2002), este processo de institucionalização da agricultura ecológica se realiza segundo as formas e os padrões da produção convencional. Apontando para esta tendência, veja-se como exemplo a fala do caso E11: *“J - E como é, poderia me explicar? (falando da mudança de plantio do fumo convencional para fumo orgânico). A - Não, por isso vem o instrutor aí... ele diz, e a gente faz conforme ele diz, tem receitas né. E depois, pra certificar tem outra firma, que não é da fuma geira”*.

Estes agricultores não realizaram cursos voltados à produção no sistema orgânico¹², sensibilizaram-se com a questão de saúde (embora possa parecer contraditório) e, após receberem a proposta de plantio do fumo orgânico, adotaram, assim, o novo “pacote” fornecido pela empresa. Observou-se, também, que em outra porção de sua propriedade, uma parcela foi citada como ecológica/orgânica, onde é feito o plantio de sementes de milho e feijão, em parceria com a UNAIC.

Outro caso é o do produtor E05, que possui em apenas uma parcela de sua propriedade a prática da agricultura ecológica, ao produzir sementes crioulas. A produção de sementes crioulas é parte de um projeto liderado pela UNAIC, em parceria com a Articulação Nacional da Agroecologia (ANA) que tem a função de identificar, valorizar e articular diferentes iniciativas nacionais e garantir o direito dos agricultores ao livre uso da biodiversidade agrícola. Este caso estabelece vínculo comercial forte com suas instituições, no intuito de buscar nichos de mercados, mas normalmente não tem participação ativa. Suas motivações estão ligadas ao aspecto econômico, como principal finalidade na busca por este estilo de agricultura ecológica, sendo recorrente que parte de suas terras tenha produção convencional.

E05: A – Ah, fazem 6 anos que nós estamos nisso (fumo). Mais seria porque eu não tinha galpão, aí inventei de pegar um investimento pra financiar um galpão, daí teria que pagar com milho... daí tu já viu né, dificilmente se paga. Seriam 5 anos também pra pagar aí eu peguei e pagaria juros, e esse pelo fumo eu peguei 12 mil e não paguei juros... plantei fumo, paguei e ainda sobrou... Hoje eu vejo que não sendo uma comercialização forte, dará isso aí. [...] Se tivesse condições de vende bastante semente cada um, aí seria bom, só que não tem mercado, e hoje se não tem um mercado forte pra outra coisa, é difícil, dificilmente eu sairia do fumo. Não tem como fica aqui plantando milho pra vende a 15 ou 16 reais, não pagam nem a despesa.

As dificuldades causadas pela estagnação dos preços e pelo aumento dos custos na produção de milho é uma das razões para que os produtores

¹² Denominação utilizada pelo agricultor.

busquem outros caminhos para desenvolver suas práticas. Por exemplo, na busca por uma melhor margem de lucros, o que se mostra mais atraente, em termos financeiros imediatos a eles, é o plantio de tabaco¹³, associado ao estilo de agricultura convencional. Como esses produtores dispõem de diferentes parcelas, naquelas reservadas ao cultivo “ecológico”, eles produzem sementes crioulas.

Para Brandenburg (2002), a diferença do segundo para o terceiro momento é o afastamento das instituições governamentais. Este distanciamento é relativo em alguns casos, pois, assim como há produtores que se mantêm distanciados, há também aqueles que se agregam em torno das instituições e de suas políticas de apoio à produção agrícola.

No que se refere à representação da temporalidade na agricultura ecológica em Canguçu, percebe-se a diferença de formas de adoção e mudança entre os casos estudados, sobretudo com relação ao processo que se via no segundo momento da agricultura ecológica. Observe-se a fala a seguir:

E11: F - Pra passar do fumo convencional pro fumo orgânico tem que ter uma terra, mais ou menos três anos que não pode ter nada plantado, ou botado adubo, três anos uma terra assim, com capoeira ou coisa assim. Nós usamos uma terra de campo né e é só na enxada tudo, capinar e lavrar assim... [...] a adubação é cama de frango né... só cama de frango, não tem outra adubação. E as outras coisas pra usar pra inseto que tem, mais é fitossanitário, assim umas receitas é, com alho, essas coisas, arruda. [...] E no primeiro ano era mais difícil, mas agora de uns anos pra cá nós sabemos como é que tem que fazer e aí é só fazer daquele jeito, tem as receitas e coisas todas...

A transição ocorreu no padrão técnico da agricultura. No entrevistado E12 também se observa uma tendência para este terceiro momento da agricultura ecológica, ou seja, na representação da temporalidade, uma vez que há em seu discurso uma preocupação com as exigências do público consumidor. As formas de comercialização passam por uma reor-

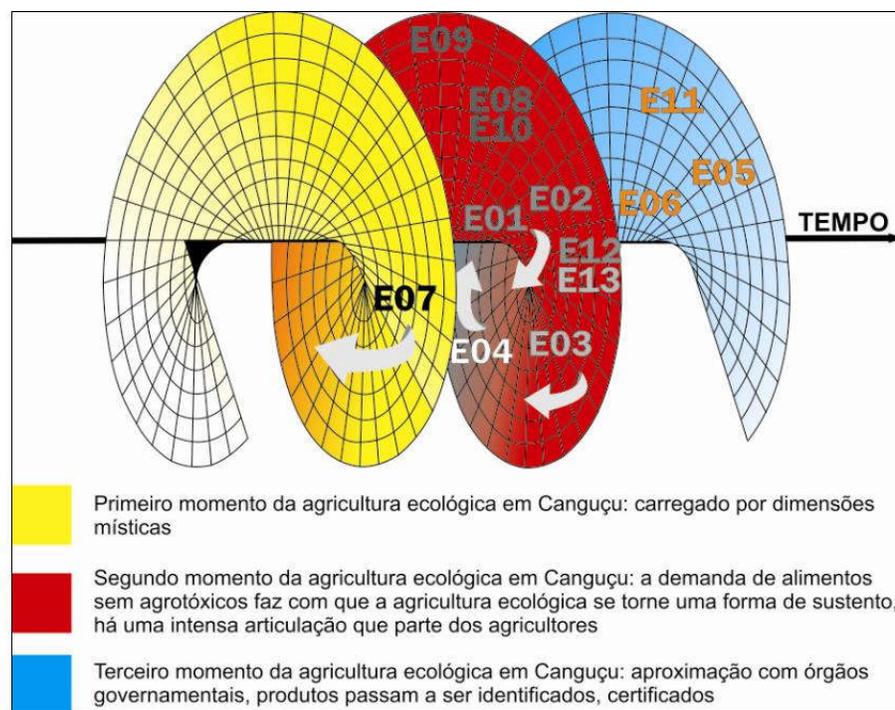
¹³ Uma realidade para grande parte dos minifúndios de Canguçu, já que o município está entre os maiores produtores em nível estadual (IBGE, 2008).

ganização, pois agora os produtos passam a ser certificados e identificados por sistemas institucionais que se formalizam gradativamente.

Cabe salientar que não se trata de estabelecer uma simples tipologia, mas de representar e apreender como ocorre a evolução e a disseminação da agricultura ecológica no município. E, nesse contexto, fica o exemplo do caso E01 em que um agricultor pode passar pelos três momentos da agricultura ecológica. A família iniciou seu processo de transição, com o redesenho da propriedade há 17 anos, processo que persiste em alguns espaços dela, até os dias de hoje. Esta escolha tem suas raízes no repertório cultural da família, no espírito de liderança e na influência da Igreja católica. O agricultor em questão foi presidente de instituições regionais que visavam à produção ecológica, desde os anos de 1990, auxiliando e participando da abertura de feiras na região. Atualmente, ele possui uma agroindústria familiar em processo de certificação e grande parte de sua produção está direcionada a programas governamentais de abastecimento.

Com base na pesquisa realizada e nos resultados aqui apresentados, construiu-se a Figura 1, como uma forma de sistematização dos resultados da análise de conteúdo das entrevistas com os produtores.

Figura 1: Representação das Vinculações e Práticas dos Produtores Rurais à Temporalidade da Agricultura Ecológica



Fonte: Dados de pesquisa de campo.

A helicoide dá uma ideia de tempo, que não segue uma linearidade, mas se associa aos ciclos que guiam o funcionamento da vida e das práticas desses agricultores. No sentido de uma construção, de que cada momento não seria como é, ou foi, sem necessariamente repetir o caminho que o momento anterior percorreu. Assim, a helicoide traça os três momentos da expansão das concepções e das práticas ecológicas, no período entre a década de 1940 aos dias de hoje.

A amostra do estudo está representada através dos códigos das entrevistas dispostos sobre os três momentos da agricultura ecológica (diferenciado por cores). As flechas indicam a oscilação que há entre os agricultores nestes três momentos, o que é comum em alguns casos, conforme pode ser observado nos trechos apresentados ao longo das entrevistas e das análises. No entanto, a ausência de uma possível identificação nesse processo de oscilação para alguns dos agricultores pode ser entendida

como um limite das técnicas utilizadas neste estudo, exigindo uma investigação mais aprofundada neste sentido.

Destaca-se que, na pesquisa qualitativa, a coleta de dados, por mais que tenha sido uma investigação que siga os mesmos passos e as mesmas indagações a cada nova entrevista, as experiências, o entendimento e, até mesmo, a disposição de cada entrevistado são diferentes. Assim, a mistura das cores representa que a transição destes momentos não ocorreu de maneira repentina, mas como um processo (uma construção). Da mesma forma, entende-se a transição de uma fase para outra como constituindo um processo dinâmico e com limites difíceis de serem definidos.

IX. Algumas considerações

Observou-se que os casos ligados ao primeiro e ao segundo momentos da agricultura ecológica são aqueles que se inserem numa mudança de perspectiva da concepção de natureza e de vida, que difere da que predomina na sociedade atual de alta incorporação tecnológica nos processos produtivos. Por outro lado, há aqueles que, basicamente, aliam-se às mudanças no padrão técnico e que estão ligados ao terceiro momento de expansão da agricultura ecológica em Canguçu.

Todavia é importante salientar que, conforme se pode observar no decorrer dos resultados, a transição entre um momento e outro é um caminho incompleto, com diferentes direções, permeada por diferentes motivações, percepções e estratégias. Portanto, especialmente entre os momentos dois e três de expansão da agricultura ecológica, as diferenças estão cercadas por linhas muito tênues ou em transformação. Isso significa que certos produtores, ao mesmo tempo que estão engajados com novas perspectivas na sua relação com a natureza e a sociedade, eles podem estar abraçados às mudanças dos padrões técnicos.

De acordo com os resultados da pesquisa, pode-se afirmar que, mesmo com a intensa difusão do termo agricultor familiar no seu sentido unificador, sobretudo a partir dos anos de 1990, entre os agricultores ocorrem grandes contrastes e diferenças. Assim como há diferenças culturais e nas trajetórias de inserção ou de exclusão no projeto de desenvol-

vimento, também há diferenças em termos de ecossistemas que resultam em diversas formas de relação dos agricultores com o meio. Neste sentido, se estas diferenças ecossistêmicas foram tratadas até agora de maneira secundária, atualmente, percebe-se a necessidade de considerá-las como essenciais no processo produtivo. O projeto de desenvolvimento do país, aos poucos, parece incluir diferentes dimensões. Isso decorre da própria evolução do pensamento ambientalista e das novas demandas de consumo que exigem produtos sem agrotóxicos. Os esforços para a incorporação de processos produtivos que levem em consideração a qualidade dos produtos alimentícios e a segurança alimentar para a promoção do desenvolvimento ficam mais visíveis, dado o contexto de crise ambiental global.

Assim, se o objetivo inicial deste artigo era investigar e analisar as trajetórias do estilo de agricultura ecológica, identificou-se que a opção de um sistema produtivo pautado na negação parcial ou total do denominado “convencional” alcançou diferentes atores sociais no meio rural, desde trabalhadores urbanos, associados às formas de organização coletiva, àqueles que produzem num contexto de isolamento geográfico e social. Esse sistema “não convencional” alcança também os agricultores que se dão conta das dificuldades causadas pelo aumento dos custos e pela estagnação dos preços dos produtos agrícolas.

A transição para o estilo de agricultura ecológica, por parte de alguns produtores, pode ser um processo longo na linha do tempo, quando o agricultor se propõe a alterar e suplantiar as condições do meio das quais depende para produzir, ou decorrente de uma pequena parcela de terras que possui. Mas, pode passar por um processo menos intenso, quando o agricultor dispõe de novos espaços (parcelas) para iniciar um sistema de produção pautado no ecológico. Ambos os casos não deixam de ser um processo, pois a mudança passa por uma construção, seja no sentido físico ou imaterial.

Alguns agricultores estão muito próximos a uma agricultura convencional, mas com suas motivações, percepções e estratégias, eles podem buscar uma agricultura distante deste modelo convencional. Destacaram-se nos resultados algumas motivações contrárias a ele, envolvendo os casos

em que ocorreram acidentes e, também, percepções de que as técnicas dessa agricultura podem afetar a saúde das pessoas e o meio.

Neste sentido, é a partir da percepção dos limites a que o próprio ser humano está submetido (assim como de que os recursos naturais são finitos) que se alteram algumas práticas produtivas quotidianas nas propriedades rurais. Isto é, uma percepção que ocorre em nível de indivíduo, mas que não é isolada. Logo, no discurso de alguns agricultores, encontra-se o contexto de expansão mundial do paradigma ambiental, como fazendo parte da tomada de decisão (ou de consciência) para adoção de uma agricultura ecológica, junto com a proposta de uma nova relação social e dela com a natureza. Já outros agricultores consideram a ideia de abraçar a nova oportunidade como um nicho de mercado que se apresenta em expansão, caracterizando uma mudança no padrão técnico e de comercialização frente a um novo tipo de consumidor.

Portanto são as múltiplas “condições de partida” que, atualmente, estão na pauta dos estudos na perspectiva do desenvolvimento rural e dos estilos de agricultura. Junto com a noção de autonomia, diversidade e/ou sustentabilidade, nas unidades familiares, ocorrem diferentes estratégias decorrentes das distintas condições e situações formadas nestas unidades. Estas poderão variar, também, dependendo da medida em que as estratégias estarão baseadas nas dimensões ambientais, econômicas, sociais e até ideológicas.

Com base nas características de cada momento da agricultura ecológica, foi possível identificar que existe uma diversidade neste estilo de agricultura que se altera ao longo do tempo e pelo próprio tempo. O olhar micro, na escala do município para este estudo sobre os estilos de agricultura, possibilita a leitura de especificidades. Assim, o meio rural de Canguçu, como espaço geográfico desta pesquisa, é considerado como aquele que apresenta os índices socioeconômicos mais baixos do Estado do Rio Grande do Sul. Mas, é interessante destacar que esta condição socioeconômica não impediu a continuidade de uma forma artesanal entre os trabalhadores rurais. Ou seja, mesmo assim, ocorreu a permanência de práticas e estratégias que podem ser encaminhadas a novas variações do estilo de agricultura ecológica.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BECKER, Cláudio; CALDAS, Nádia Velleda; SACCO DOS ANJOS, Flávio. **Agroecologia, agricultura familiar e cooperação**: a experiência da agricultura sul-ecológica. ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO UFPEL, 9, 2007.

BORBA, M. F. S. **La marginalidad como potencial para la construccion de “outro” desarrollo**: El caso de Santana da Boa Vista, Rio Grande do Sul, Brasil. 2002. 362 f. Tesis (Doctorado) – Instituto de Sociologia Y Estudios Campesinos, Universidad de Córdoba, Espana, 2002.

BRANDENBURG, Alfio. **Agricultura familiar, ONGs e desenvolvimento Sustentável**. Curitiba: UFPR, 1999.

BRANDENBURG, Alfio. Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. **Desenvolvimento e meio ambiente**, Curitiba, n. 6, p.11-28, jul./dez. 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica**: narrativas e trajetórias da Educação Ambiental no Brasil. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 229 p.

EHLERS, Eduardo. **Agricultura sustentável**: origens e perspectivas de um novo paradigma. São Paulo: Livros da Terra, 1996. 178 p.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 658 p.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Territorialidades de inclusão e exclusão social. In: REGO, N.; MOLL, J.; AIGNER, C. (Orgs.) **Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 21-44.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário. 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 set. 2009.

_____. Base de dados disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05 mai. 2010.

MARQUES, Flávia Charão. **Aprendizagem e inovação**: as várias faces do trabalho de produtores de plantas medicinais no Sul do Brasil. *Agriculturas: experiências em agroecologia*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, out./2009.

MEIRELLES, L. **Agricultura ecológica e agricultura familiar**. 2007. Centro Ecológico de Ipê. Disponível em: <<http://www.centroecologico.org.br/artigos.php>>. Acesso em: 29 jul. 2009.

PETERSEN, Paulo; ALMEIDA, Silvio Gomes. **Rincões transformadores**: trajetória e desafios do movimento agroecológico brasileiro. 2006. Disponível em: <<http://www.coptec.org.br/biblioteca/Agroecologia/index.html>>. Acesso em: 02 mar. 2011.

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

RIBEIRO, Cristine Jaques. **Cartografias caboclas**. Pelotas: EDUCAT, 2008.

RUSZCZYK, João Carlos. **Agricultura familiar e de base ecológica, transições e estratégias de reprodução**: redefinições e permanências nos agricultores de Rio Branco do Sul/PR. 2007. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. 284 f.

SCHMITT, Claudia Job. **Transição para a agroecologia na Região Sul**. Disponível em: <http://www.encontroagroecologia.org.br/files/Transicao_Sul.rtf>. Acesso em: 27 abr. 2010.

Artigo recebido para publicação em:

02 de julho de 2012.

Artigo aceito para publicação em:

13 de maio de 2013.

Como citar este artigo:

CICCONETO, Joana; VERDUM, Robertyo. “A diversidade do estilo de agricultura familiar ecológica em Canguçu/RS e os momentos da transição para a agricultura ecológica”. In: *Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade*, Rio de Janeiro – RJ, v. 7, n. 1, p. 107-135, 2013.